

Organizado por:
Márcio Aragão



LIBERTAS

Contos e Poemas



LIBERTAS

Contos e Poemas

Organizador: Márcio Aragão

capa

Márcio Aragão

revisão de texto

Márcio Aragão

diagramação

Márcio Aragão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Libertas [livro eletrônico] : contos e poemas /
organização Márcio Aragão. -- 1. ed. --
Fortaleza, CE : Criativante, 2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-981301-3-8

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Poesia
brasileira - Coletâneas I. Aragão, Márcio.

24-195272

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3



Todos os direitos reservados aos respectivos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou copiada por quaisquer meios sem a prévia autorização por escrito do(a) respectivo(a)s autor(a)s.

Esta obra foi idealizada para ter distribuição GRATUITA em formato digital (PDF). Venda e/ou distribuição em qualquer outro formato são proibidas.

ÍNDICE

Mandíbulas - por Márcio Aragão.....	7
Ela Acreditou - por Marilda Ribeiro.....	14
Sonhos Perdidos - por Marilda Ribeiro.....	16
Essa Tal Felicidade - por Queilla Gonçalves.....	18
Agora Mulher - por Queilla Gonçalves.....	21
Naturalmente Bela - por Queilla Gonçalves.....	23

Nota do Organizador

Boas-vindas a você! Antes de tudo, quero dizer que somos muito gratos pelo seu interesse em nosso trabalho! Os autores e autoras presentes nesta antologia foram escolhidos visando o nosso principal objetivo: disponibilizar-lhe textos interessantes e de qualidade para que tenha um excelente entretenimento! Espero que você também vivencie os momentos gratificantes e únicos que este organizador (e também autor) vivenciou ao ler estes textos pela primeira vez. Tenha uma excelente leitura!

Márcio Aragão

*Para algo ser possível, basta que apenas uma pessoa no mundo inteiro
tenha conseguido realizá-lo!*

Apresentamos o conto:

MANDÍBULAS

por

Márcio Aragão

Márcio Aragão é um escritor e jornalista sergipano, radicado em Fortaleza-CE. Participou, dentre outras, das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009) , “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII” (2023), “A Casa da Bruxa” (2023) e “Contos e Poemas de Ficção Científica” (2024), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005), “Guardiões do Universo” (2009) e “Guardiões do Universo: Gênese” (2023).

Como tudo havia surgido, não se sabia. Em dado momento o primeiro ataque aconteceu: rápido, mortal, feroz e implacável, o imenso predador destroçou aquela família na praia, fato que foi noticiado em todos os jornais do país e em diversos veículos importantes ao redor do mundo. As imagens dos pedaços dos corpos foram mostradas sem maior pudor, apenas com um breve aviso de que seria ideal que não houvessem crianças assistindo e que as imagens eram fortes. “Ok”, pensou Gláucia, “isso é, sim, impressionante! Mas é longe daqui.”, complementou, demorando para digerir a informação e, simultaneamente, feliz por não morar próximo àquela área.

Gláucia era uma enfermeira que, após longo e cansativo plantão e meses após ter visto na TV a reportagem a respeito do violento ataque, voltava para casa dirigindo seu Palio branco ano 2019. “Poxa vida, eu não queria nada demais. Só queria chegar em casa e descansar!”. Mas ali estava ela, seu Palio consideravelmente destruído, com suas pernas presas nas ferragens abaixo do volante do carro que estava de ponta cabeça e, do lado de fora, duas criaturas cercado-a como dois tubarões famintos preparando o ataque. *Aqueles seres não deveriam estar ali!* Era o que Gláucia não conseguia parar de pensar. A dor em suas pernas era mais do que perceptível, beirando o insuportável, mas dada a informação de que *aquelas* criaturas ainda existiam, com sinceridade a jovem de 28 anos mal se importava. Se os filmes estivessem corretos e baseando-se no pouco conhecimento que tinha sobre o assunto por conta de seu

filho que era fanático pelo tema, a enfermeira sabia, não tinha mais que poucas horas de vida antes que os dois predadores usassem suas potententes mandíbulas cheias de dentes para rasgar o já destruído Pálio e coletar o tão desejado prêmio. E, Gláucia sabia, para seu horror, que *ela* era o prêmio.

Os dois animais pisavam e ciscavam impacientes no chão de terra, emitindo grunhidos e buscando um local por entre as ferragens do carro por onde pudessem enfiar seus focinhos. Gláucia podia ver os pés das criaturas, bem similares a pés de galinhas, só que muito maiores. *Talvez 40 ou 50 centímetros da ponta do maior dedo à outra extremidade do pé*, pensou ela. E Gláucia era assim: quando em situações de estresse extremo, sua mente apenas voava procurando qualquer tipo de informação que a levasse a um pensamento racional, para distraí-la do incidente que a estava submetendo ao estresse.

O carro foi sacudido violentamente com novo estrondo. Gláucia já não sentia mais suas pernas, fato que, ela sabia, era motivo de preocupação. A jovem enfermeira podia ver pela janela quebrada de seu carro a pele escamosa verde-cinza de seus algozes, com penas similares às de um avetruz cobrindo toda a região atrás de sua cabeça até o meio das costas. O teto do carro havia afundado de tal forma que, para a felicidade de Gláucia, as janelas e para-brisa do veículo haviam sido destruídas e quase fechadas, de modo que as criaturas não conseguiriam enfiar suas bocarras repletas de dentes

por ali. Em contrapartida, Gláucia, que era uma mulher robusta de um metro e setenta de altura estava ali, ferida. Espremida.

Os predadores urravam frustrados. *Não são adultos*, pensou Gláucia, parecendo reconhecer, finalmente, aquela espécie de criatura, pois havia visto algo muito parecido nos livros de seu filho que detalhavam com precisão científica as espécies de dinossauros encontradas no Brasil. Aqueles eram *Carcharodontosaurus*, ou Carcarodontossauro, em português. E lá estava a mente de Gláucia prendendo-se à lógica novamente, como se aquilo fosse o oxigênio que a impedisse de afogar-se em um oceano de desespero. *Não devem ter mais do que oito metros de comprimento. Podem chegar a 14. São sub-adultos!* E essa informação era relevante, Gláucia sabia, pois predadores jovens tendiam a ter comportamento mais agressivo devido à sua inexperiência como caçadores, principalmente os machos, por causa dos altos níveis de testosterona presentes em seu organismo. Claro que Gláucia não poderia afirmar com certeza se eram, de fato, do gênero masculino, mas a jovem enfermeira suspeitava fortemente que um deles, pelo menos, deveria ser macho. O dinossauro em questão tinha cicatrizes na cabeça, uma delas passando perigosamente próximo ao seu olho esquerdo. Mais alguns centímetros e provavelmente o animal teria perdido a visão do olho em questão, *“o que provavelmente faria com que ele não sobrevivesse e talvez eu não estivesse aqui nesta situação”*, lamentou Gláucia. *Scar*, como Gláucia batizou o dinossauro com cicatriz, em homenagem ao conhecido vilão de um filme infantil, tinha também mais massa

muscular e era ligeiramente maior. Misturadas com as penas brancas em suas costas, haviam penas verdes e azuis, reluzentes e muito bonitas, semelhantes às do pescoço de um pavão macho. *Luna* foi o nome que batizou o outro predador, que tinha penas exclusivamente brancas, o qual a jovem não tinha opinião a respeito de seu gênero, mas decidiu que iria considerá-lo como fêmea. “*Porque classificar os dinos? Ora, aparentemente não tenho nada melhor a fazer mesmo!*”, ironizou Gláucia em pensamento.

Mas Gláucia tinha coisa melhor a fazer e ela sabia muito bem disso. Precisava escapar. E como se não bastasse ter que soltar suas pernas de toda a ferragem retorcida que teimava em prendê-la, o fato é que, mesmo sendo enfermeira, não tinha real noção de como estavam de fato suas pernas. Não sem examiná-las adequadamente. Não sem vê-las, pelo menos. Mas de uma coisa sabia: há vários minutos elas estavam dormentes e isso não era um bom sinal. Supondo, porém, que tudo desse certo, que ela conseguisse se soltar e se arrastar para fora do carro, ela ainda teria que correr dos predadores. Criaturas grandes, famintas e velozes. *Estou ferrada.* Olhou rapidamente em todas as direções. A vantagem de o carro estar com a maior parte de sua estrutura retorcida é que os Carcarodontossauros teriam dificuldade em entrar com suas bocarras. A desvantagem é que ela também não conseguia ver uma abertura grande o suficiente para que saísse. Era seu fim, ela sabia. Já podia ouvir o som das ferragens sendo arrancadas do veículo. Logo existiria uma abertura grande o suficiente para que saísse, porém os

imensos predadores estariam esperando por ela do lado de fora. Ela era o prêmio, a refeição tão esperada que finalmente estaria ao alcance dos dois dinossauros. Lembrou de seu filho. Seria difícil para ele aceitar que ela não voltaria para casa, aceitar que nunca voltaria.

E então aconteceu: Um estrondo como um trovão. Um grunhido abafado. Algo pesado caindo no chão. Gláucia, que já aceitava a sua morte iminente, piscou. Olhou pela brecha de uma das janelas do veículo e lá estava *Scar* caído no chão, sem vida, com um buraco em seu crânio e a língua estendida para fora de sua boca. Sangue ainda jorrava pelo ferimento letal. *Luna* ergueu a cabeça, alerta, mostrando os dentes de tubarão, ameaçadora. Sacudia os pequenos braços com mãos de três dedos e pisava forte no chão, impaciente. Novo estrondo e desta vez *Luna* caiu, com ferimento similar ao de *Scar*, também sem vida. Gláucia olhava ao redor, nervosa, tentando entender o que de fato estava acontecendo. Quem teria salvo sua vida? Minutos que pareceram horas se estenderam, e o final de tarde havia dado lugar à noite. Gláucia viu duas botas militares finalmente aparecendo pela brecha de uma das janelas. O homem agachou, olhando para dentro do veículo destruído, por trás de seus óculos de grau.

- Tudo bem por aqui, minha jovem? - perguntou, sorrindo e coçando a barba grisalha – Não se preocupe pois esses dois aqui não vão te incomodar mais. Ah! E a minha equipe já está vindo pela estrada para te arrancar desse pobre coidado aqui, ok? - disse sorrindo e referindo-se ao estado crítico do Palio.

Gláucia suspirou aliviada. Voltaria para casa. Iria rever seu filho, sua família. Logo ouviu o som das máquinas cortando o metal retorcido. Sorriu. Minutos depois estava em uma maca, dentro de uma ambulância, que avançava em alta velocidade e com a característica sirene ligada. Recebia os cuidados necessários até sua chegada em um hospital, onde seria, de fato, tratada e provavelmente passaria por cirurgia em suas pernas. O mais importante, porém, ela sabia, é que estava viva. Tudo ficaria bem.

FIM?

Apresentamos o poema:

ELA ACREDITOU

por

Marilda Ribeiro

Marilda de Fátima Ribeiro Peixoto, Graduada e Pós-Graduada em Pedagogia, Graduada em TTI, Pós-Graduada em Literatura Brasileira, membro da Academia de Letras e Artes de Anicuns- ALAA, Membro da Academia Independente de Letras- AIL e FEBACLA- Fed. Bras. dos acad. das Ciências, Letras e Artes, membro da FGMC. Autora do livro Ponto de Partida. Seleccionada em diversas antologias.

Levantou sonhos adormecidos
Sonhos outrora tão distantes
Quase irreais!
Os alimentou...
Fez no papel o sonho real
Cada página com seu algoz
Ou, de amores que embalam a alma
Acreditou...
Na cura de cada um
No poder de espalhar as cinzas que arde e sufoca
Na capacidade da cura reclusa no cárcere do coração
Ela acreditou...
E assim ela fez
Ela acreditou...

Apresentamos o poema:

SONHOS PERDIDOS

por

Marilda Ribeiro

Marilda de Fátima Ribeiro Peixoto, Graduada e Pós-Graduada em Pedagogia, Graduada em TTI, Pós-Graduada em Literatura Brasileira, membro da Academia de Letras e Artes de Anicuns- ALAA, Membro da Academia Independente de Letras- AIL e FEBACLA- Fed. Bras. dos acad. das Ciências, Letras e Artes, membro da FGMC. Autora do livro Ponto de Partida. Seleccionada em diversas antologias.

Começa assim...
A princípio a euforia
Num descuido qualquer
Vem a agonia
Já é tarde...
Não tem como retroceder
Acaba o dia e o escuro da noite acorda tantos sonhos
guardados ou mortos- vivos
Com o sol outro desafio
Juntar os vestígios de quem era eu um dia.

Apresentamos o poema:

ESSA TAL FELICIDADE

por

Queilla Gonçalves

Queilla Cristina Farias Gonçalves, 54 anos. Cirurgiã-dentista (UFF); Mestre em Ortodontia (UFRJ); MBA em Estética e Saúde; MBA em Psicologia Positiva (Universidade Candido Mendes); Formada pela Oficina Social de Teatro; Poetisa e escritora.

Como ondas que vão e vem
Perto e longe talvez esteja
Quantos a buscam e a desejam
Quantos a querem a qualquer preço
Onde está? Onde a encontro?
Como a posso obter?
Então, sorrateiramente, sem ter nada a esconder
De tão leve voa e segue, caminhando com o vento
Ao encontro de quem a busca
E ao mostrar-se tão de perto, invisível passa a ser
Não notada, se afasta, daqueles que não a vê
Muito dizem: “Está ali”, outros: “Nunca nem a vi”
Vem de dentro, vem de fora
Entra e sai e não avisa
É motivo de cobiça
Para os que não a tem
“Qual o seu preço?” Uns perguntam
É de graça, não se vende
Mas não é para qualquer um
Convidada, se entrega
Não escolhe onde morar
No casebre ou na mansão, ela não se importa não
Com o luxo ou pobreza
Ocupa todos os espaços, que à frente encontrar
Palpá-la, impossível

Agarrá-la, quem me dera
Distraídos, não sentimos
É discreta, se esconde
No canto do passarinho
Na borboleta multicolor
No abraço caloroso
No perfume de uma flor
No sorriso de um amigo, ou de seja lá quem for
No gesto de afeto
Nas palavras de gratidão
No sol que brilha de dia
Na chuva que terra rega
No cuidado do Criador
Se atentarmos um pouquinho
A vida nos permite ver
Na sua simplicidade
Onde essa tal felicidade
Escolheu para viver.

Apresentamos o poema:

AGORA MULHER

por

Queilla Gonçalves

Queilla Cristina Farias Gonçalves, 54 anos. Cirurgiã-dentista (UFF); Mestre em Ortodontia (UFRJ); MBA em Estética e Saúde; MBA em Psicologia Positiva (Universidade Candido Mendes); Formada pela Oficina Social de Teatro; Poetisa e escritora.

A criança do passado
Na mulher de hoje vive
As lembranças, a saudade
Os dilemas, os deslizes
Os conflitos, os amigos
Os acertos e os erros
A sua convicção
A esperança, a incerteza
Dos momentos que virão
Sua honra e nobreza
A ansiedade do amanhã
Que fascina, que envolve
Impulsiona e encoraja
Que atrai, que a trai
Que convence, surpreende
Que escapa, sem querer
Apontando o agora
Como o tempo de viver!

Apresentamos o poema:

NATURALMENTE BELA

por

Queilla Gonçalves

Queilla Cristina Farias Gonçalves, 54 anos. Cirurgiã-dentista (UFF); Mestre em Ortodontia (UFRJ); MBA em Estética e Saúde; MBA em Psicologia Positiva (Universidade Candido Mendes); Formada pela Oficina Social de Teatro; Poetisa e escritora.

Única e surpreendente
Difícil de definir
No olhar, no sorriso
No seu modo de agir.
Mostra-se camaleoa
De princesa a leoa
Dependendo do que quer
Não hesita, indomável
E com a força da mulher
Toma as rédeas, segue em frente
Apegada a sua fé!
Misteriosa e superior
A tudo o que se pode ver
Mostras ao espelho o quanto é tolo
Em tentar te descrever.
As marcas que possui

São peças que se encaixam
E montam o quebra-cabeça
De quem realmente é
Vão aos poucos, revelando

A beleza escondida
No simples jeito de ser
Naturalmente inerente
Da essência da mulher!

Este *eBook* é uma produção da editora Criativante. Para saber mais a respeito do nosso trabalho, por gentileza acesse o nosso site www.criativante.com.br, ou o nosso instagram: @criativanteeditora

Quer entrar em contato conosco para enviar seu conto, poema, livro, ou mesmo para obter maiores informações? Nosso e-mail é contatocriativante@gmail.com . Espero que tenha apreciado a leitura deste livro! Até a próxima!

Atenciosamente,

Márcio Aragão
Editor-Chefe
Criativante